

Comportamentalismo Radical e Contextualismo Funcional: Uma análise de convergências e divergências

Radical behaviorism and functional contextualism: An analysis of convergences and divergences

 LENISE SANTOS GHISI ¹
 ANDRESSA SECCHI SILVEIRA ¹
 PEDRO PAULO DE SOUZA CONTE ^{1,2}
 CAMILA MUCHON DE MELO ¹

¹UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
²INSTITUTO CONTINUUM

Resumo

A área de conhecimento denominada Ciência Comportamental Contextual (CBS, do inglês *Contextual Behavioral Science*) foi desenvolvida, segundo seus proponentes, para criar uma ciência mais adequada aos desafios psicológicos da vida humana. Para tal, uma filosofia de ciência própria, o Contextualismo Funcional, foi proposta como um refinamento do Comportamentalismo Radical, filosofia que embasa a Análise do Comportamento (AC). Contudo, interpretações do Comportamentalismo Radical como uma filosofia contextual precedem a proposição da CBS, o que pode levar a questionamentos sobre as semelhanças e diferenças entre as duas visões. Como forma de contribuir para essa discussão, o objetivo deste estudo é comparar a compreensão das origens filosóficas, do conceito de comportamento, do conceito de ambiente, da unidade de análise, do critério de verdade, dos conceitos de predição e controle *versus* predição e influência do comportamento, e da estratégia reticulada de pesquisa e prática em ambas as perspectivas. Conclui-se que os compromissos filosóficos adotados no Contextualismo Funcional não introduzem alterações notáveis quando comparados com interpretações contextualistas do Comportamentalismo Radical. Espera-se contribuir por meio desta análise para discussões sobre as compreensões do Contextualismo nas duas ciências, em especial para uma maior clareza quanto aos compromissos filosóficos por elas adotados.

Palavras-chave: Comportamentalismo Radical, Contextualismo Funcional, ontologia, Skinner, Hayes.

Abstract

The area of knowledge known as Contextual Behavioral Science (CBS) was developed, according to its proponents, to create a science more suited to the psychological challenges of human life. To this end, a specific philosophy of science, Functional Contextualism, was proposed as a refinement of Radical Behaviorism, the philosophy that underpins Behavior Analysis (BA). However, interpretations of Radical Behaviorism as a contextual philosophy precede the proposition of CBS, which can lead to questions about the similarities and differences between the two views. As a way of contributing to this discussion, the purpose of this paper is to compare understanding of the philosophical foundations, the concept of behavior, the concept of environment, the unit of analysis, the criterion of truth, the concepts of prediction and control *versus* prediction and influence of behavior, and the reticulated research and practice strategy in both perspectives. It is concluded that the philosophical commitments adopted in Functional Contextualism do not introduce notable changes when compared with contextualist interpretations of Radical Behaviorism. It is hoped that this analysis will contribute to discussions on the understandings of Contextualism in both sciences, especially for greater clarity regarding the philosophical commitments they adopt.

Keywords: Radical Behaviorism, Functional Contextualism, ontology, Skinner, Hayes.

NOTA. A PRIMEIRA E A SEGUNDA AUTORAS E O TERCEIRO AUTOR CONTRIBUÍRAM PARA A CONCEPÇÃO DO ARTIGO, FORMULAÇÃO DO DESIGN METODOLÓGICO, COLETA E ANÁLISE DE DADOS. A ÚLTIMA AUTORA ORIENTOU O ESTUDO. TODAS AS AUTORAS E O AUTOR COLABORARAM PARA A REDAÇÃO FINAL E A REVISÃO DO MANUSCRITO. DURANTE A EXECUÇÃO DESTA ESTUDO, A PRIMEIRA AUTORA RECEBEU FINANCIAMENTO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. O ESTUDO TEM APOIO DA CAPES, CÓDIGO DE FINANCIAMENTO 001

✉ lenise.santos.ghisi@uel.br

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V22I1.20480](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V22I1.20480)

De acordo com a Associação para a Ciência Comportamental Contextual (ACBS, do inglês *Association for Contextual Behavioral Science*), os esforços da Ciência Comportamental Contextual (CBS) visam criar uma

nova forma do que tem sido tradicionalmente denominado Análise do Comportamento (ACBS, s.d.). “Criar uma ciência” ou “mudar o mundo de uma forma positiva e intencional” (Hayes et al., 2012, p. 2) são alguns dos objetivos da CBS. Hayes (2021) argumenta que “a CBS é uma forma distinta de behaviorismo, em termos de filosofia da ciência, estratégia de desenvolvimento de conhecimento, conceitos, modelos, teorias e métodos” (p. 253). A CBS foi desenvolvida, segundo seus proponentes, para “criar uma ciência mais adequada ao desafio da condição humana” (Hayes et al., 2012, p. 2), sendo uma proposta sucessora à ciência do comportamento conhecida até então, marcada pelas contribuições de B. F. Skinner. Dados tais ambiciosos objetivos, análises produzidas por múltiplas fontes são necessárias para examinar as alegações acerca das limitações da Análise do Comportamento (AC) como ciência do comportamento e os méritos das inovações possibilitadas pelo referencial proposto pela CBS.

Assim, para Hayes (2021), a filosofia da ciência da CBS, o Contextualismo Funcional (CF), trata-se de um refinamento do Comportamentalismo Radical (BR) proposto por Skinner, sendo uma filosofia semelhante, mas distinta (Hayes, 2021, p. 239).¹ O autor afirma que, para aqueles que compreendem a obra de Skinner de forma contextualista, a CBS é uma evolução e extensão da tradição skinneriana (Hayes, 2021, p. 253). Entretanto, como nem todo analista do comportamento compreende a obra skinneriana de forma contextualista, ele argumenta que a CBS não pode ser vista como uma extensão da AC tradicional (Hayes, 2021, p. 266).

A ênfase dada ao uso do termo “contextual” pode levar à interpretação de que o Contextualismo é a característica distintiva dessa proposta de ciência do comportamento e da filosofia dessa ciência. Contudo, interpretações da AC como uma ciência embasada por uma filosofia contextual precedem a proposição da CBS (Morris, 1988), por mais que coexistam “interpretações mecanicistas e contextuais” da obra de Skinner (Salazar & Ruiz, 2024). Além disso, poucos textos descrevem o CF em detalhes (Salazar & Ruiz, 2024), o que pode dificultar a compreensão de quais são as características que permitem declará-lo como um refinamento do BR.²

Outro objetivo científico apresentado como diferencial pela CBS, proposto por Hayes et al. (2012) e Hayes (2021), consiste em construir enunciados analíticos sobre o comportamento (a Ação em Contexto) que tenham precisão (especificidade), escopo (aplicabilidade ampla) e profundidade (integrando múltiplos níveis e contextos).

Comportamento é um termo polissêmico, abordado de inúmeras maneiras na Psicologia, e, particularmente, o objeto de estudo da AC. Para Skinner (1953/2003), o comportamento é o que o organismo faz sob determinadas condições e é selecionado pelas suas consequências, isto é, a ação que em dado contexto é mantida ou modificada de acordo com os efeitos que produz no ambiente. De uma perspectiva comportamentalista radical, o comportamento é definido como qualquer atividade observável (mesmo que *circunstancialmente* apenas pela própria pessoa que se comporta, Pompermaier et al., 2016), incluindo ações, pensamentos e emoções (o pensar e o sentir), cuja previsão e controle pode se dar por meio do estudo das interações entre organismo e ambiente.³

Skinner, em *The Operational Analysis of Psychological Terms* (1945), marca o BR como uma abordagem para lidar com fenômenos psicológicos, uma proposta diferente das existentes até o momento (Tourinho, 1987) e cuja inovação reside principalmente nas proposições acerca de eventos privados. O Comportamentalismo é “nada mais do que uma análise operacional completa de conceitos mentalistas tradicionais” (Skinner, 1961, p. 274). No mais, Skinner propõe lidar com os eventos privados a partir do comportamento verbal: “... Precisamos conhecer as características das respostas verbais aos estímulos privados, a fim de tratar da análise operacional do termo subjetivo” (Skinner, 1945, p. 4). Assim, o BR inaugura

¹ Utilizaremos a sigla BR, comumente utilizada em textos científicos para abreviar Behaviorismo Radical. Entretanto, no texto adotamos a sua nomenclatura adaptada para língua portuguesa, Comportamentalismo Radical.

² “Refinar”, de acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, consiste em “tornar mais fino; tornar mais aprimorado, mais aperfeiçoado; tornar mais forte, mais intenso; separar de uma substância as que lhe alteram a pureza; livrar de impurezas os excessos” (Editora Melhoramentos, 2025). O uso do termo “refinamento” pode ser considerado uma metáfora de significado impreciso, que implica juízo de valor, no contexto de “refinar” ideias. Na língua inglesa, segundo o Dicionário Cambridge, “to refine something also means to improve it by making small changes” (Cambridge University Press and Assessment, 2025), isto é, “refinar algo também significa melhorá-lo ao realizar pequenas mudanças”, definição que parece se aproximar mais do uso pretendido por Hayes (2021), sem deixar de implicar um juízo de valor (melhorar) e mantendo a necessidade de identificar quais foram as “pequenas mudanças” realizadas para que se possa afirmar que algo foi refinado.

³ Ver Todorov (2012) para definições clássicas do termo “comportamento” que são incompatíveis com a definição de comportamento como a interação organismo-ambiente.

uma forma de compreender e estudar fenômenos psicológicos ao incluir os eventos privados, mantendo o rigor científico e superando a dicotomia entre o público e o subjetivo (Skinner, 1945, 1974).

Há cerca de 10 anos, a Revista Brasileira de Análise do Comportamento (ReBAC) publicou uma edição especial dedicada ao tema (Hunziker, 2013; Edição Especial "O que é comportamento?", vol. 9, números 1 e 2). Nesta edição, a comunidade científica e filosófica discute que o conceito não se confunde ou se limita aos termos atividade, ação, relação, evento, resposta, interação, estados do organismo, contingência de reforçamento ou contingência operante. Como exemplos de diferentes interpretações sobre o conceito, nesta edição da revista (Hunziker, 2013), comportamento é tratado com pelo menos três ênfases distintas: (a) no âmbito de um paradigma operante (Carrara & Zilio, 2013); (b) como elemento constituinte de contingências operantes, respondentes e culturais (Todorov & Henriques, 2013); e (c) como um sistema de *interações* entre classes de atividades de um organismo e classes de aspectos de um ambiente antecedente e subsequente a estas atividades (Botomé, 2015).

De outro lado, para Hayes et al. (2012), a CBS descreve o comportamento dos organismos interagindo em um e com um contexto, de uma perspectiva tanto histórica quanto situacional. A unidade de análise é a ação situada em contexto, e a ação e seu contexto não são totalmente separáveis. História, circunstâncias e consequências são aspectos da ação em si, em um sentido funcional. De acordo com estes autores, a Ação em Contexto não se limita ao nível individual, mas também se estende ao nível grupal, abrangendo contextos sociais e ações psicológicas que se fundem em ações de grupos à medida que a unidade se expande para os domínios sociais, psicológicos, sociológicos e antropológicos (Hayes et al., 2012, p. 3).

Considerando a CBS como um desenvolvimento posterior à AC, e a sua autointitulação como uma nova ciência do comportamento com uma filosofia refinada, cabe perguntar: quais inovações conceituais são introduzidas pela CBS? Não sendo possível realizar no escopo de um único trabalho o levantamento de todas as proposições da CBS, adotou-se como ponto de partida o conceito de comportamento e a unidade de análise assumida em cada proposta científica, avaliando-se o alinhamento de cada uma a uma filosofia contextualista. Outros conceitos foram levantados e adicionados à análise posteriormente, como será descrito adiante.

Skinner (1953/2003) ressalta, de forma emblemática, que "confusão na teoria significa confusão na prática" (p. 9). Com efeito, conceitos são essenciais para coordenar socialmente o comportamento de profissionais e pesquisadores, e possibilitam tanto alcançar os seus objetivos quanto desafiar os usos comumente aceitos (Dittrich et al., 2024; Skinner, 1945). Portanto, este estudo se justifica diante da função dos conceitos como instrumentos teóricos e filosóficos que orientam os comportamentos em diferentes comunidades verbais, bem como diante da implicação das teorias sobre as práticas profissionais e científicas, no caso em análise, na CBS e na AC. Por meio desta análise, espera-se contribuir para discussões sobre as compreensões do Contextualismo nas duas ciências, em especial para uma maior clareza quanto aos compromissos filosóficos por elas adotados.

A partir do exposto, este estudo busca identificar se há pontos particularmente inéditos no CF que o conceda um status inovador específico ou o torne, de alguma maneira, incompatível com interpretações prévias e contemporâneas do BR. Ressalte-se que a análise de interpretações mecanicistas foge ao escopo do presente artigo, que elencou como foco contrastar interpretações contextualistas do BR com a proposta do CF como filosofia. Assim, este estudo tem por objetivo identificar convergências e divergências entre as perspectivas da AC e da CBS a partir de conceitos centrais identificados em ambos os sistemas psicológicos.

Método

O estudo consistiu em uma pesquisa teórica-conceitual, com as seguintes fases: (1) seleção dos textos; (2) interpretação conceitual dos textos; e (3) análise e síntese dos conceitos.

Seleção dos Textos

Os critérios para a seleção dos textos decorrem da busca por resposta à questão: Qual literatura permite comparar interpretações contextualistas do Comportamentalismo Radical ao do Contextualismo Funcional? Para embasar a interpretação do conceito de comportamento no BR foram selecionados como principais os textos de Morris (1988), Carrara (2004) e Lopes et al. (2018), por apresentarem análises referentes ao tema do Contextualismo na AC; e como auxiliares, os artigos da edição especial da ReBAC sobre a definição de comportamento (ver Hunziker, 2013), além de outros textos conhecidos e selecionados pelo/as pesquisador/as para complementar e sistematizar a noção de comportamento na AC (e.g., Botomé, 2001; Todorov, 2012). Como o próprio desenvolvimento da CBS, nas definições de seus propositores, se apresenta como um refinamento contextualista do BR, torna-se necessário investigar em que medida a AC já havia sido interpretada sob uma lente contextualista, antes mesmo da formulação da CBS. Dessa forma, a literatura sobre Contextualismo na AC fornece um ponto de comparação mais direto e adequado para avaliar se o CF constitui, de fato, uma inovação filosófica ou se retoma e reformula elementos já presentes em interpretações anteriores do BR. Essa escolha metodológica também evita o deslocamento para debates ontológicos amplos ou para

definições isoladas de comportamento, que, embora relevantes, não respondem de forma direta à pergunta norteadora desta pesquisa.

Para embasar a interpretação do conceito de Ação em Contexto no CF, foi realizada uma busca avançada no periódico *Journal of Contextual Behavioral Science* (JCBS) para os termos em inglês “context” e “contextual” no título, para artigos de qualquer tipo, em qualquer data, com o total de 72 resultados. Procedeu-se à leitura dos títulos, e nos casos em que eles indicavam tratar do tema (10 artigos), realizou-se a leitura dos resumos. A partir dessa busca, foram selecionados como literatura principal os textos de Hayes et al. (2012), por apresentar a CBS; Herbert e Padovani (2015), por tratar do Contextualismo de uma perspectiva ontológica; e Hayes e Fryling (2019) por abordarem diferentes aspectos do Contextualismo (funcional e descritivo). Já os textos de Wright (2020) e Finn e Barnes-Holmes (2021) foram tomados como literatura complementar por discutirem o artigo de Hayes e Fryling (2019). O texto de Salazar e Ruiz (2024) foi utilizado como complementar por discorrer sobre paralelos entre o CF e o BR.

Interpretação Conceitual dos Textos

Os textos principais foram lidos, buscando-se extrair a definição dos conceitos relativos ao objetivo da pesquisa, e trechos conceitualmente relevantes foram grifados e posteriormente sintetizados. O procedimento de interpretação utilizado correspondeu a uma adaptação do Procedimento de Interpretação Conceitual de Texto (PICT) (Laurenti & Lopes, 2016), consistindo, em suma, no levantamento dos principais conceitos e na caracterização das principais teses dos textos, no seu agrupamento em categorias temáticas e na elaboração de uma síntese interpretativa. Citações importantes incluídas nos textos selecionados foram verificadas em suas fontes primárias. Os textos complementares foram utilizados para embasar a interpretação dos textos principais.

Análise e Síntese dos Conceitos

No processo de análise, procurou-se identificar e descrever elementos centrais de cada conceito de modo a compreendê-los com maior profundidade. Quando foi necessário, outros textos foram consultados para avaliar o que estava sendo estudado e suas relações com o tema desta pesquisa. Assim, após a caracterização das teses centrais de cada texto, foi possível agrupá-las em categorias temáticas emergentes para uma posterior articulação entre teses sobre um mesmo assunto (Laurenti & Lopes, 2016). Neste processo, foram identificados alguns pontos de aproximação entre as propostas do BR e do CF. Em seguida, propôs-se uma síntese das principais propostas destes sistemas, organizadas em categorias, de forma a possibilitar a comparação entre elas.

Convém destacar que, em uma pesquisa qualitativa sobre teorias e conceitos, é possível que categorias sejam desenvolvidas e refinadas ao longo do processo de pesquisa: “Essa pesquisa privilegia uma abordagem na qual [teorias e conceitos] . . . são desenvolvidos junto com a coleta de dados, para produzir e justificar novas generalizações e, assim, criar novos conhecimentos e visões” (Gibbs, 2009, p. 20; ver também Dittrich et al., 2024).

Resultados

Os pontos de convergência e/ou divergência das duas propostas (AC e CBS) encontrados a partir dos textos examinados foram feitos a partir das seguintes categorias: (1) origens filosóficas, (2) conceito de comportamento adotado, (3) conceito de ambiente, (4) unidade de análise; (5) critério de verdade; (6) conceitos de predição e controle *versus* predição e influência; e (7) estratégia reticulada de pesquisa e prática.

Origens Filosóficas: Pragmatismo e Contextualismo

Toda ciência tem compromissos filosóficos, visto que “uma visão de mundo é indispensável para agir no mundo” (Lopes et al., 2018, p. 45). O Contextualismo, por exemplo, é uma visão de mundo com compromissos ontológicos e epistemológicos alinhados filosoficamente com a visão de mundo relacional do Pragmatismo. Vale ressaltar que o Contextualismo Funcional surge, precisamente, como uma tentativa de descrever o pensamento skinneriano contextual e pragmático baseado nas hipóteses de mundo sugeridas por Stephen Pepper (Salazar & Ruiz, 2024).

Embora Hayes et al. (2012) demarquem a CBS como uma extensão distinta da “Psicologia Analítico-Comportamental” e que as duas áreas tenham divergido ao longo do tempo, os autores reconhecem que a CBS e o BR estão historicamente entrelaçados em suas origens. Uma aproximação se dá no que diz respeito ao papel fundamental que a ação tem no Pragmatismo, compromisso filosófico e visão de mundo que ambas as áreas compartilham, tema que será retomado adiante no tópico que discute a interpretação do critério de verdade adotado em cada perspectiva.

O Conceito de Comportamento

A concepção de comportamento de Skinner é a de uma ação contextualizada entre eventos antecedentes e consequentes, presentes e passados (Skinner, 1953/2003, 1969, 1974, 1981, 1987). Desta perspectiva, no Comportamentalismo Radical, o comportamento é a ação situada em um contexto complexo do qual participam eventos antecedentes e consequentes (Lopes et al., 2018). Na mesma linha, Morris (1988) argumenta que as relações comportamentais são uma função do seu contexto histórico e atual, conformando a AC a uma visão de mundo contextualista.

O comportamento, objeto de estudo da AC, é definido como a “interação do organismo com seu ambiente” (Carrara, 2004, p. 34). A noção de interação não deve ser tomada como a expressão de uma causa linear, mas como a expressão das relações funcionais entre organismo e ambiente (Carrara, 2004, p. 37). Como ambiente compreende-se “todo o contexto com o qual interagimos” (Carrara, 2004, p. 35), biológico e social. Na perspectiva analítico-comportamental, o comportamento é composto por respostas (ações) que ocorrem em “contexto” (Carrara, 2004, p. 36), sendo seguidas de eventos que produzem efeitos sobre as respostas.

O contexto em que ocorrem as respostas é “composto por estímulos discriminativos e outras condições precedentes na forma de eventos e/ou operações estabelecedoras” (Carrara, 2004, p. 36). Eventos e características de eventos presentes no mundo adquirem status de estímulos discriminativos ou operações estabelecedoras em determinada análise a partir do momento em que se verifica que guardam relação funcional com respostas de um organismo. Tais eventos são as “molduras para o fluxo do comportamento” (Carrara, 2004, p. 45). O comportamento não é analisado em seu fluxo, mas em tais “molduras” ou condições de análise, definidas pragmaticamente pela identificação de relações empiricamente verificáveis entre componentes funcionalmente relacionados (Matos, 1999a).

Lopes et al. (2018) apontam que a interpretação pragmatista do comportamento é definitivamente contextual. O que transforma a ação em comportamento é o limite estabelecido pela situação, ou seja, a ação, quando situada, é comportamento. Dessa perspectiva, a noção comportamentalista radical apresentada no conceito de comportamento converge com a noção contextualista de Ação em Contexto.

Ambiente e Contexto

No referencial analítico-comportamental, o comportamento dos organismos é explicado por processos de variação e seleção em diferentes níveis: (a) pela ação seletiva do ambiente ao longo da evolução da espécie (nível filogenético); (b) pelos efeitos do ambiente em manter e modelar o repertório comportamental de cada indivíduo e pelo papel do ambiente como ocasião na qual um comportamento acontece (nível ontogenético); e (c) em função de contingências sociais de uma determinada comunidade verbal (nível cultural) (Skinner, 1977). O conceito de ambiente para a AC aparece nos três níveis de seleção. Todas as variáveis das quais um comportamento é função estão no ambiente e esta definição inclui, como já bem estabelecido na literatura, eventos privados (e.g., Skinner, 1945, 1974). É necessário ressaltar que, nessa concepção, o ambiente é externo à ação em análise, e não ao organismo como um todo (Matos, 1999a). Assim, “o sentido da expressão ambiente implica todo o contexto com o qual interagimos enquanto estamos vivos, tenha esse contexto conotação biológica ou social” (Carrara, 2004, p. 35).

Nota-se ainda outra convergência entre os campos científicos da AC e da CBS quando analisada a característica multinível adotada para a caracterização do ambiente ou do contexto. Na AC, “o comportamento consiste na relação interna das ações com a história da espécie humana, com a história cultural do sujeito, e com a história da pessoa” (Lopes et al., 2018, p. 36). A seu tempo, Hayes et al. (2012) e Hayes (2021) encorajam que todos os níveis de análise, e sua utilização de forma interconectada, podem corroborar para o objetivo da CBS e para a consistência da formulação de sua unidade de análise, que aqueles autores indicam ser a “ação situada” (Hayes et al., 2012, p. 3).

Unidade de Análise

Em uma proposta para diferenciar a CBS da AC e outras ciências, Hayes et al. (2012) elegem a Ação em Contexto como sua unidade de análise. Segundo os autores, tal unidade de análise tem determinadas características, como: (a) a unidade é holística, de forma que a ação e o contexto são inseparáveis; (b) o foco é a interação dos organismos no e com o contexto; e (c) circunstâncias, história e consequências são aspectos da ação em si, em um sentido funcional. A inspiração dos autores para tal definição origina-se da obra de Stephen C. Pepper (1942) (Hayes & Fryling, 2019). Pepper considera a metáfora-raiz do Contextualismo (e de todas as suas variações), a Ação em Contexto, um desdobramento do conceito de evento histórico:

Por evento histórico, contudo, o contextualista não quer dizer primariamente um acontecimento passado, que está, por assim dizer, morto e tem de ser exumado. Ele se refere ao evento vivo em seu presente. O que normalmente entendemos por história, diz ele, é uma tentativa de representar eventos, de torná-los de alguma forma vivos novamente. O verdadeiro evento histórico, o evento em sua atualidade, é quando está acontecendo agora, o evento dinâmico, dramático e ativo. Podemos chamá-lo de “ato”, se quisermos e se tomarmos cuidado com o uso do termo. Mas não é um ato concebido

como único ou isolado, se é que queremos dizer; é um ato em e com seu cenário, um ato em seu contexto. (Pepper, 1942, p. 232)

Contudo, Pepper (1942) não se propôs a articular uma filosofia da ciência. Suas “visões de mundo” tinham o objetivo de categorizar tanto propostas científicas quanto não-científicas, e uma das principais vantagens vista pelo autor em realizar tais distinções era justamente agrupar e ignorar conjuntos específicos de especulações filosóficas (Hayes & Fryling, 2019). Dessa forma, argumentos que opusessem diferentes visões de mundo dificilmente teriam uma solução única. Ainda que o conceito seja o mesmo (Ação em Contexto), Hayes et al. (2012) apresentam um desenvolvimento sobre o que fez Pepper: o que Pepper havia elegido como uma metáfora assume o papel de unidade de análise na CBS (Hayes & Fryling, 2019).

Enquanto isso, em referencial analítico-comportamental, a unidade de análise do comportamento é definida pragmaticamente e de forma funcional:

Quando falamos em relações funcionais, ao invés de causas, estamos reconhecendo implicitamente a existência de um contexto ambiental em que se dá o comportamento. Ou seja, existe um conjunto de condições, todas materiais, todas de natureza física, química, biológica ou social, que servem de moldura para o fluxo do comportamento. (Carrara, 2004, p. 45)

A análise de unidades funcionais diferencia a AC de outras disciplinas que estudam o comportamento (Matos, 1999a). Dentre os inúmeros elementos (físicos, químicos, biológicos, sociais) de um ambiente antecedente a uma resposta de interesse e seus inúmeros possíveis consequentes, é necessário reconhecer aqueles que permitem identificar o “valor de sobrevivência” de um comportamento (Matos, 1999a, p. 10). Isso geralmente é feito a partir da análise da contingência de três termos (descrição de observações a respeito das relações entre ambiente e resposta) e a validação da análise realizada é prioritariamente experimental (Matos, 1999a) – ou seja, a “boa” análise é aquela que funciona (critério de verdade pragmático).⁴

Critério de Verdade

Em ambas as áreas, compromissos com o Pragmatismo estabelecem a adoção do critério de verdade com o objetivo de enfatizar o foco no desenvolvimento de intervenções ou tecnologias comportamentais que produzam resultados desejáveis para as pessoas envolvidas (Wright, 2020). Hayes (2021) argumenta que o critério de verdade do Contextualismo Funcional assegura a participação de trabalhos aplicados e básicos no desenvolvimento da CBS. Tais esforços seriam garantidos por meio de uma estratégia reticulada de pesquisa e prática, corroborando para a promoção dos objetivos analíticos de “alcance e profundidade” deste campo.⁵ Apesar de frutífero, esse compromisso atrai críticas de que o Contextualismo Funcional seja “a-ontológico” pela sua ênfase pragmática (Herbert & Padovani, 2015, p. 227). No caso de essa crítica ser aceita, seria também aplicável ao Comportamentalismo Radical, que define muitos de seus conceitos funcionalmente e adota o mesmo critério de verdade.

Para o Contextualismo, “verdade é utilidade ou funcionamento bem-sucedido e esse é o fim da questão” (Pepper, 1942, p. 270). O que é verdade é o que funciona, o que é socialmente aceito e o que satisfaz quem nessa verdade acredita (Pepper, 1942). Trata-se de uma escolha condizente com o objetivo final da CBS, *prever e influenciar*. Hayes e colaboradores (2012) tencionam criar uma ciência comportamental que esteja mais adequada aos desafios (psicológicos) da vida humana e, em muitos momentos de sua obra, é possível entender esta melhor adequação como um direcionamento declarado à aplicação.

Skinner, já em 1945, adotava uma posição similar:

⁴ Sidman (1994) se propôs a descrever a(s) unidade(s) básica(s) da análise do comportamento. O autor inicia sua avaliação pelo conceito de “resposta”, que ele considera de pouca utilidade para descrever comportamentos, exceto em ambientes que não mudam. Em seguida, examina a contingência de dois termos, cuja descrição ainda é insuficiente para explicar por que algumas contingências de dois termos são selecionadas em nossos repertórios em um determinado momento e outras não. “A contingência de três termos é a unidade fundamental do controle de estímulos” (Sidman, 1994, p. 332). Ainda assim, tal contingência pode, ela mesma, ser submetida a um controle ambiental, o que dá origem a uma contingência de quatro termos – uma contingência de três termos sob controle contextual e que possibilita a explicação da equivalência de estímulos. Seguindo o raciocínio, em teoria, seria possível pensar em contingências de cinco ou seis termos, mas fica cada vez mais difícil provar tais relações. Para fins deste trabalho, consideramos a contingência de três termos como a unidade básica da análise do comportamento.

⁵ O uso de termos de nível médio é uma crítica comum aos que adotam o Contextualismo Funcional contemporaneamente, ainda que o mesmo expediente tenha sido usado também pela AC para conceitos como atenção, agressão ou comportamento governado por regras (Salazar & Ruiz, 2024). A “ciência comportamental contextual defende que os termos de nível médio, inicialmente utilizados para desenvolver aplicações, devem ser progressivamente analisados e especificados em termos analíticos básicos, permitindo maior precisão na influência sobre os eventos psicológicos” (Salazar & Ruiz, 2024, p. 184).

O critério fundamental para a boa qualidade de um conceito não é se duas pessoas chegam a um acordo, mas se o cientista que usa o conceito pode operar com sucesso o seu material – sozinho, se necessário. O que interessa para Robinson Crusoe não é se ele está concordando consigo mesmo, mas se está tendo algum sucesso com seu controle sobre a natureza. (Skinner, 1945, p. 284-285)

Os Conceitos de Predição e Controle *versus* Predição e Influência

Skinner (1938, 1953/2003) retoma o entendimento, já apregoadado por Watson (1913) em seu “Manifesto Behaviorista”, de que a ciência do comportamento é um ramo da ciência natural cujo objetivo é a “previsão e controle” do comportamento. No Comportamentalismo Radical, aquele autor atualiza este objetivo, possibilitando a ampliação do objeto de estudo da ciência do comportamento para incluir eventos privados; a análise de relações funcionais entre comportamento e ambiente, formuladas em termos de contingências de reforçamento; e a intervenção deliberada e ética de contingências culturais (Skinner, 1938, 1953/2003).

Herbert e Padovani (2015) argumentam que a principal característica que difere o Contextualismo Funcional de outras formas de contextualismo e do mecanicismo é a sua articulação direcionada a prever e influenciar eventos. Com efeito, Hayes et al. (2012, 2023) e Hayes (2021) propõem que o objetivo da CBS seja substituído por “predição e influência”. Tais autores argumentam que se trata de um passo pequeno, porém necessário, dado que traz uma conotação mais adaptativa e adequada às situações de mudança comportamental contextuais. O termo “controle”, por sua vez, adotado pela AC, pode conotar uma rigidez operacional de manipulação que elimina a variabilidade – algo incompatível com a complexidade humana. Neste sentido, haveria menos confusão conceitual e maior alinhamento com práticas flexíveis e éticas de intervenção (Hayes et al., 2023).

Em resposta a Hayes (2021), de Rose (2021) considera que alguns “refinamentos” introduzido pela CBS foram efetivos em reduzir a resistência contra uma abordagem comportamental, como é o caso desta mudança do objetivo de uma ciência do comportamento, de “predição e controle” para “predição e influência”. De Rose (2021) pondera que ela contribuiu para alcançar um público mais amplo, dada às conotações tipicamente aversivas atribuídas a palavra controle e à incompreensão relacionada ao objetivo de controlar o comportamento:

Acredito que essa pequena mudança [ligeira reformulação dos objetivos de uma ciência comportamental como predição e ‘influência’, em vez de predição e ‘controle’] ajudou a CBS a atingir um público mais amplo, devido às conotações presumivelmente aversivas da palavra ‘controle’ e ao resultante mal-entendido dos objetivos de uma ciência que pretende ‘controlar’ o comportamento (de Rose, 2021, p. 263).

A Estratégia Reticulada de Pesquisa e Prática

Hayes et al. (2012) e Hayes (2021) defendem o desenvolvimento de uma ciência contextualmente embasada, em que a pesquisa e a prática clínica se influenciam mutuamente, propondo para tanto: “O desenvolvimento de uma estratégia de pesquisa reticulada para montar uma abordagem viável de longo prazo para melhorar a compreensão da complexidade humana” (Hayes, 2021, p. 236). Tal aspecto poderia ser visto como um diferencial da CBS.

Uma estratégia reticulada propõe uma rede de retroalimentação contínua entre os diferentes campos de pesquisa e aplicação. Essa relação é chamada de reticulada porque não é linear, mas formada por conexões múltiplas e bidirecionais: a prática pode gerar questões para a pesquisa básica; a pesquisa aplicada pode criar novos procedimentos para uso imediato; descobertas básicas podem ser diretamente incorporadas em tecnologias; e a prática implementa as tecnologias e indica novos problemas para investigação.

No escopo da AC, o BR fornece a filosofia da ciência; a pesquisa básica produz princípios gerais sobre o comportamento; a pesquisa aplicada adota esses princípios em situações socialmente relevantes; a tecnologia comportamental sistematiza e dissemina procedimentos eficazes para intervenção; e a prestação de serviços ou a prática profissional implementam a tecnologia e fornecem novos problemas para investigação (Baer et al., 1968; de Carvalho Neto, 2002; Hawkins & Anderson, 2002; Tourinho, 2006).

Assim, em vez de uma separação rígida entre os diferentes domínios, a AC, como sistema científico, propõe o desenvolvimento de uma estratégia em rede a fim de fomentar uma comunicação bidirecional entre pesquisa e prática. Desta perspectiva, nos parece que um modelo reticulado de desenvolvimento científico e prático, embora frequentemente associado à CBS, já havia sido defendido por Skinner em diferentes momentos de sua obra (e.g., Skinner, 1953/2003, 1957, 1969). Para o autor, o desenvolvimento científico e prático se dá por meio de um processo interativo e contínuo, sendo necessária a integração entre ciência básica, aplicada e prática, como exemplificado pelo trecho a seguir: “Os métodos da ciência podem ser usados para resolver problemas práticos e, ao mesmo tempo, avançar no conhecimento básico” (Skinner, 1953/2003, p. 7).

Discussão

O presente estudo teve por objetivo apresentar uma análise de conceitos utilizados por duas tradições teórico-filosóficas, o Contextualismo Funcional, filosofia subjacente à da CBS, e o Comportamentalismo Radical, filosofia subjacente à AC, assim como apresentar possíveis interpretações decorrentes desta análise.

Em síntese, os compromissos filosóficos de ambas as propostas teóricas remontam ao Pragmatismo e ao Contextualismo. Os conceitos de comportamento, Ação em Contexto e ambiente compartilham de uma perspectiva contextual e funcional de interação dos organismos no/com o ambiente. A adoção do conceito de ambiente e o compromisso com uma perspectiva funcional ao invés de causas mecânicas, implica em reconhecer a existência de um contexto físico e material no qual todo comportamento acontece. Tanto a AC, com fundamentação comportamentalista radical, quanto a CBS se utilizam de relações funcionais que pressupõem a multideterminação do comportamento, e ambas as propostas declaram que não têm por objetivo “mapear a realidade”.

Embora a CBS seja comumente descrita como uma extensão da AC e, portanto, dela divergente, tanto no Contextualismo Funcional quanto no Comportamentalismo Radical, a relação entre ação e contexto é fundamental, refletindo a concepção de comportamento desta última filosofia, visto como uma ação situada em um contexto complexo, composto de eventos antecedentes e consequentes, passados e presentes. Além disso, tanto no Comportamentalismo Radical quanto no Contextualismo Funcional, a ação situada é a unidade de análise, tomada com diferentes nomes. Esta convergência é evidenciada pela consideração de que o comportamento ocorre em níveis individuais e de grupo, com influências de histórias pessoais, culturais e da espécie humana.

Portanto, ainda que se reconheça a existência de debates sobre o conceito de comportamento (como exemplificado na edição especial da ReBAC, volume 9; ver Hunziker, 2013), não há uma distinção nítida entre o conceito de comportamento proposto no BR e no CF. Ainda assim, Hayes et al. (2012) argumentam que a AC tem foco excessivo na aprendizagem animal: “apesar da evidência de que o comportamento simbólico constitui um processo comportamental novo e caracteristicamente humano que não pode ser totalmente modelado usando estudos não-humanos” (p. 3). Não há, neste ponto, uma diferença filosófica entre as duas áreas. Contudo, é possível argumentar que os comportamentos elencados como de maior interesse pela CBS diferem dos que foram mais comumente estudados ao longo da história da AC, especialmente na obra de Skinner, nomeadamente, o comportamento verbal (Gomes & de Rose, 2024). De forma geral, autores com sólida formação em CBS entendem que o CF “é a exposição do comportamentalismo radical em termos contextuais e pragmáticos” (Salazar & Ruiz, 2024, p. 183).

Já a substituição do uso da palavra “ambiente” pela palavra “contexto” como uma forma de dissolver a ambiguidade entre ambiente externo à ação e ambiente externo ao organismo já é proposta por analistas do comportamento desde, ao menos, a década de 1980 (Matos, 1999b). Como definir, no entanto, os limites do “contexto” ou do “ambiente”? Sem uma delimitação metodológica, o “contexto pode prosseguir espacialmente para incluir todo o universo . . . pode retroceder infinitamente no tempo para incluir o antecedente mais remoto ou avançar no tempo para incluir a consequência mais atrasada” (Hayes & Brownstein, 1986, p. 177). A solução para esse impasse para as análises contextuais ou, como prefere a AC, análises de contingências, está no critério de verdade pragmático, solução adotada por pragmatistas da AC e por pragmatistas da CBS.

Há também convergência entre a visão de mundo contextualista descrita por Pepper (1942) e as escolhas de Hayes e colaboradores (2012) quanto ao seu critério de verdade. “Successful working” – trabalho bem-sucedido, em uma tradução livre – foi o critério que os autores escolheram (Hayes & Fryling, 2019). A adoção da utilidade ou do trabalho bem-sucedido como critério elimina a possibilidade de explicações mentalistas cujo impacto prático sobre os eventos ou objetivos em si é praticamente nulo. Da mesma forma, indagações sobre a “real” estrutura do mundo são consideradas despropositadas, também por sua impossibilidade de ajudar a CBS a atingir seus objetivos declarados: “Mesmo as relações causais não são inerentes à estrutura do universo, mas são, em vez disso, formas de falar sobre o mundo com respeito a objetivos específicos” (Herbert & Padovani, 2015, p. 227).

Sob o argumento de uma alegada rigidez, a CBS propõe a mudança do objetivo da ciência comportamental para “predição e influência”, ao invés de “predição e controle”. Ainda que a ligeira mudança conceitual pretenda atingir um público mais amplo, é possível questionar se, do ponto de vista filosófico, tratam-se de perspectivas diferentes com implicações distintas para a pesquisa e a prática. Além do mais, importa ressaltar que para além da previsão e controle, a AC também tem por objetivo a interpretação que, dentre outras contribuições teóricas, metodológicas e tecnológicas, permite estender os princípios comportamentais para compreender fenômenos cada vez mais complexos que transcendem a observação experimental (ver Malavazzi & Micheletto, 2021).

A CBS busca construir enunciados analíticos sobre a Ação em Contexto que permitam prever e influenciar de forma empiricamente válida, e que tenham precisão (especificidade), escopo (aplicabilidade ampla) e profundidade (integrando múltiplos níveis e contextos) (e.g., Hayes et al., 2012, Hayes, 2021). Argumenta-se que esses critérios ampliam o papel da ciência na medida em que permitem prever e influenciar de forma empiricamente válida os fenômenos psicológicos, isto é, não basta entender os

fenômenos, é preciso atuar sobre eles com eficácia contextualmente informada. De outro lado, o sistema científico da AC, com amplo escopo, permite a investigação de comportamentos públicos e privados; a análise funcional de contingências operantes e culturais; e o planejamento deliberado e ético, não apenas de fenômenos psicológicos, mas também de fenômenos sociais de maior complexidade (e.g., estudos sobre práticas culturais e culturas) (e.g., Skinner, 1953/2003, 1971, 1974).

A AC é contextualista e endossa a interpretação pragmatista de que o comportamento é uma ação situada (Lopes et al., 2018). A seu tempo, a CBS pode oferecer uma alternativa promissora e uma continuação do pragmatismo filosófico, sugerindo que ainda há desenvolvimento a ser feito para uma compreensão mais completa destas caracterizações, seja no BR, no CF ou em outros sistemas teóricos, científicos e filosóficos. Diferentes disciplinas podem e devem se debruçar sobre os eventos que podem ajudar a explicar as variáveis que afetam um comportamento. A própria proposição da CBS de desenvolvimento de uma estratégia reticulada de pesquisa e prática pode ser um passo nessa direção: “O que torna possível uma agenda reticulada como essa é que as análises são sempre contextuais e o critério de verdade é sempre o mesmo” (Hayes et al., 2012, p. 8). É provável que nenhuma área seja capaz de lidar sozinha com este desafio e, portanto, a inter-relação entre propostas e a combinação de diferentes aspectos seja mais interessante do que a exclusão de uma ou outra tentativa (Botomé, 1982). A princípio, as caracterizações atuais da AC e do Contextualismo permanecem inacabadas e subdesenvolvidas. Para Morris (1988), o Contextualismo “é uma nova alternativa estimulante, pois a psicologia, em todo o seu pluralismo, continua a evoluir como ciência” (p. 291) e “pode ser considerada a instanciação moderna do pragmatismo filosófico” (p. 298).

Destaca-se que a aplicação de métodos experimentais para resolver problemas de relevância social e a integração das contribuições científicas em seus diferentes domínios de pesquisa e prática não é novidade nas ciências do comportamento. Com efeito, antes mesmo do advento da CBS, concepções semelhantes de desenvolvimento em rede já eram discutidas por autores como Sidman (1960, 2011) e Baer et al. (1968), que descrevem formas interdependentes de desenvolvimento do conhecimento e de sua aplicação prática. *A priori*, o modelo reticulado de desenvolvimento científico e prático não é uma estratégia adotada apenas pela CBS, visto que a AC também busca fomentar uma comunicação bidirecional entre pesquisa e prática (e.g., básica ↔ aplicada ↔ tecnológica ↔ prática). Inclusive, na AC há proposições de que esta comunicação se dê em diferentes perspectivas, dentre as quais destacamos: (a) o estabelecimento de pontes de contato mais diretas entre diferentes domínios da pesquisa e da prática nas ciências naturais ou ciências humanas, como já ocorre, por exemplo, nas ciências biológicas ou da saúde (e.g., pesquisa translacional; Mace & Critchfield, 2010); e (b) o desenvolvimento de redes de pesquisa e prática entre diferentes domínios de produção científica e áreas de atuação, a exemplo da interface proposta entre a área da Ciência Culturo-Comportamental, concentração voltada ao estudo de práticas culturais, e a pesquisa e a prática clínica (e.g., análise funcional culturo-comportamental na clínica; Neves & Cihon, 2023).

Em suma, as ligeiras divergências identificadas na análise dos conceitos (e.g., comportamento *versus* Ação em Contexto) e objetivos de cada proposta teórica-filosófica (e.g., predição e controle *versus* predição e influência) são amplamente discutidos em textos de BR e CF. O recorte metodológico adotado por este estudo tomou por referência obras comprometidas com uma proposta epistemológica comportamentalista radical (e.g., Skinner, 1953/2003) e contextualista funcional (e.g., Hayes et al., 2012, Hayes, 2021).

Nesse contexto, torna-se mais compreensível os resultados observados neste estudo, especialmente dado o *corpus* selecionado. Para além do exposto, é importante considerar os fatores relacionados à organização social da comunidade científica como parte do pano de fundo para uma cisão entre a AC e a CBS. Hayes (2021) argumenta que uma das principais justificativas para a separação reside justamente na coexistência de posições teóricas divergentes na AC, especialmente aquelas que tendem a rejeitar contribuições como a Teoria das Molduras Relacionais (RFT) e a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) com base em pressupostos mecanicistas, topográficos ou fisicalistas. Essa rejeição, segundo o autor, não se dá apenas em termos conceituais, mas também afeta os mecanismos de validação, publicação e reconhecimento institucional de novas abordagens, como a CBS, na comunidade analítico-comportamental. Em outras palavras, a alegada divergência filosófica se entrelaça com dinâmicas sociocientíficas, produzindo barreiras à integração plena entre propostas que, embora compartilhem raízes comportamentalistas, operam a partir de premissas epistemológicas distintas.

Contudo, é importante reconhecer que tal rejeição não é uma consequência necessária do BR em si. Pelo contrário, como observado, há elementos no BR que são compatíveis com o CF. Esse ponto reforça que a cisão entre AC e CBS não se dá apenas por divergência de fundamentos teóricos, mas também por disputas interpretativas e organizacionais no campo. Ao fim, parece prudente a ressalva feita por de Rose (2021), em resposta a Hayes (2021), de que a própria classificação de algo como uma nova ciência ou como um avanço de uma ciência existente deve ser considerada como uma Ação em Contexto. O que significa questionar, por exemplo, sobre o que se alcança ou quais as consequências do comportamento de se afirmar, em um contexto particular, que algo é uma ciência distinta ou um avanço da ciência existente.

Considerações Finais

A análise teórica dos textos e dos conceitos selecionados identificou principalmente convergências entre as propostas da AC e da CBS em relação aos seus compromissos filosóficos quando analisados os conceitos de comportamento e de ambiente, a unidade de análise, o critério de verdade, os objetivos científicos e o modelo reticulado de desenvolvimento científico e prático.

Com efeito, Hayes (2021) indica questões de organização social científica como um dos principais aspectos para justificar as divergências existentes entre as propostas filosóficas da CBS e da AC. Reconhecemos que, mesmo entre analistas do comportamento, coexistem posições mais ou menos próximas do Contextualismo. Nesse sentido, dado o objetivo do presente estudo, é possível qualificar as interpretações dos resultados como razoavelmente esperadas, e ainda assim, justificadas e fundamentadas na célebre afirmação de Skinner de que confusão na teoria significa confusão na prática (Skinner, 1953/2003).

O exercício de encontrar ou não afinidades epistemológicas também pode, e deve, ser conjugado com a análise das afinidades éticas e políticas destes (AC e CBS) ou de outros campos ou domínios do fazer científico que não foram contemplados neste estudo dadas as limitações do seu escopo. Estudos futuros podem se debruçar sobre a análise dos conceitos ora investigados de outra perspectiva, tal como a partir de textos que tratam de questões ontológicas, ou aliada a outras estratégias interpretativas, ao identificar as suas possibilidades de utilização; evidenciar usos imprecisos, ambíguos ou contraditórios; e compará-los com outras tradições filosóficas, de forma a ampliar o escopo de análise dos conceitos dessas áreas e relacioná-los progressivamente de formas mais complexas (Dittrich et al., 2024).

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

Contribuição de cada autor

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor(a) pode ser atribuída como se segue: L. S. Ghisi, A. S. Silveira e P. P. de S. Conte contribuíram para a concepção do artigo, formulação do design metodológico, coleta e análise de dados; todas autoras e autor foram responsáveis pela redação final e revisão do manuscrito.

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Referências

- Association for Contextual Behavioral Science [ACBS] (s.d.). CBS and behavior analysis. Association for Contextual Behavioral Science. https://contextualscience.org/cbs_and_behavior_analysis
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 91–97. <https://doi.org/10.1901/jaba.1968.1-91>
- Botomé, S. P. (1982). Determinação do comportamento e intervenção social: A contribuição da análise experimental do comportamento. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 2(1), 30–68.
- Botomé, S. (2001). A noção de comportamento. Em H. P. M. Feltes e U. Zilles (Orgs.), *Filosofia: Diálogo de horizontes* (p. 687–708). EdPUCRS.
- Botomé, S. (2015). O conceito de comportamento operante como problema. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 19–46. <http://doi.org/10.18542/rebac.v9i1.2130>
- Carrara, K. (2004). Causalidade, relações funcionais e contextualismo: Algumas indagações a partir do behaviorismo radical. *Interações*, 9(17), 29–54. <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401703.pdf>
- Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13–18. <https://doi.org/10.5380/psi.v6i1.3188>
- de Rose, J. C. (2021). Will the wing fly away from the body? A commentary on Steven Hayes' chapter, contextual behavioral science. Em D. Zilio & K. Carrara (Orgs.), *Contemporary behaviorisms in debate* (p. 257–264). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-77395-3>
- Editora Melhoramentos (2025). *Refinar*. Em *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis*.
- Cambridge University Press and Assessment (2025). *Refine*. Em *Cambridge Dictionary*. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/refine>

- Dittrich, A., Melo, C. M., Rocha, C. A. A., & Hunziker, M. H. L. (2024). Pesquisas sobre conceitos. Em C. Laurenti & C. E. Lopes (Orgs.), *Pesquisas teóricas em Análise do Comportamento* (p. 27–48). Instituto Par.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos: Coleção pesquisa qualitativa*. Bookman Editora.
- Gomes, R. C., & de Rose, J. C. (2024). O papel dos estímulos verbais elicítantes no desenvolvimento da sensibilidade ao outro em psicoterapia. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 15(1), 1–13. <https://doi.org/10.18761/apuj1038>
- Hawkins, R. P., & Anderson, C. M. (2002). On the distinction between science and practice: A reply to Thyer and Adkins. *The Behavior Analyst*, 25(1), 115–119. <https://doi.org/10.1007/BF03392050>
- Hayes, L. J., & Fryling, M. J. (2019). Functional and descriptive contextualism. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 14(1), 119–126. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.06.001>
- Hayes, S. C. (2021). Contextual behavioral science as a distinct form of behavioral research and practice. In D. Zilio & K. Carrara (Eds.), *Contemporary Behaviorisms in Debate* (p. 239–256). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-77395-3>
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Wilson, K. G. (2012). Contextual behavioral science: Creating a science more adequate to the challenge of the human condition. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 1(1–2), 1–16. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2012.09.004>
- Hayes, S. C., & Brownstein, A. J. (1986). Mentalism, behavior-behavior relations, and a behavior-analytic view of the purposes of science. *The Behavior Analyst*, 9(2), 175–190. <https://doi.org/10.1007%2FBF03391944>
- Hayes, S. C., Hofmann, S. G., & Ciarrochi, J. (2023). The idionomic future of cognitive behavioral therapy: What stands out from criticisms of ACT development. *Behavior therapy*, 54(6), 1036–1063. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2023.07.011>
- Herbert, J. D., & Padovani, F. (2015). Contextualism, psychological science, and the question of ontology. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 4(4), 225–230. <http://doi.org/10.1016/j.jcbs.2014.11.005>
- Hunziker, M. (2013). Editorial. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 1–3. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/2134/2599>
- Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em psicologia. Em C. Laurenti, C. E. Lopes, & S. Araújo (Eds.), *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos* (pp. 41–68). Hogrefe.
- Lopes, C. E., Laurenti, C., & Abib, J. A. D. (2018). *Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical*. 2 ed. Editora CRV.
- Mace, F. C., & Critchfield, T. S. (2010). Translational research in behavior analysis: Historical traditions and imperative for the future. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 93(3), 293–312. <https://doi.org/10.1901/jeab.2010.93-293>
- Malavazzi, D. M., & Micheletto, N. (2021). Interpretação: Um objetivo e um método da ciência de B. F. Skinner. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e37217. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37217>
- Matos, M. A. (1999a). Análise funcional do comportamento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 16(3), 8–18. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1999000300002>
- Matos, M. A. (1999b). Com o que o behaviorismo radical trabalha? Em R. A. Banaco (Ed.), *Sobre comportamento e cognição* (p. 45–53). ARBytes.
- Morris, E. K. (1988). Contextualism: The world view of behavior analysis. *Journal of Experimental Child Psychology*, 46(3), 289–323. [https://doi.org/10.1016/0022-0965\(88\)90063-X](https://doi.org/10.1016/0022-0965(88)90063-X)
- Neves, A. B., & Cihon, T. (2023). Culturo-behavioral functional analysis: Guidelines for including cultural phenomena in the behavior analytic clinical setting. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 103–121. <https://doi.org/10.18761/vecc0122023>
- Pepper, S. C. (1942). *World hypotheses: A study in evidence*. University of California Press.
- Salazar, D. G., & Ruiz, F. J. (2024) El contextualismo funcional como raíz filosófica de la terapia de aceptación y compromiso. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 24(2), 171–189. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9558157>
- Pompermaier, H. M., Pimentel, N. dos S., & de Melo, C. M. (2016). Eventos privados e privacidade no behaviorismo radical: A questão da observabilidade circunstancialmente restrita. *Revista CES Psicología*, 9(2), 12–27. <http://doi.org/10.21615/cesp.9.2.2>
- Sidman, M. (1994). Equivalence relations and contingency analysis: The analytic units. Em M. Sidman, *Equivalence relations and behavior: A research story* (pp. 321– 365). Authors Cooperative, Inc. Publishers.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52(1), 270–277. <https://doi.org/10.1037/h0062535>
- Skinner, B. F. (1961). *Cumulative record* (Enlarged Ed.). Appleton-Century-Crofts (pp. 272–286). <https://doi.org/10.1037/11324-000>. (Trabalho original publicado em 1945).

- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1977). Why I am not a cognitive psychologist. *Behaviorism*, 5(2), 1–10. <https://www.jstor.org/stable/27758892>
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(1), 501–504. <http://doi.org/10.1126/science.7244649>
- Skinner, B. F. (1987). *Upon further reflection*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (2003). Ciência e comportamento humano (J. C. Todorov, R. Azzi, Trans.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Todorov, J. C. (2012). Sobre uma definição de comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 3(1), 32–37. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v3i1.79>
- Todorov, J., & Henriques, M. (2015). O que não é e o que pode vir a ser comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 74–78. <http://doi.org/10.18542/rebac.v9i1.2133>
- Tourinho, E. Z. (1987). Sobre o surgimento do behaviorismo radical de Skinner. *Psicologia*, 13(3), 1–11.
- Tourinho, E. Z. (2006). Organização e representação da comunidade científica em análise do comportamento no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 232–236. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.104>
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20(2), 158–177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>
- Wright, S. P. (2020). Descriptive contextualism in service of functional contextualistic aims: A practitioner's perspective on Hayes and Fryling (2019). *Journal of Contextual Behavioral Science*, 17(1), 62–67. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.06.001>.

Submetido em: 10/05/2025

Aceito em: 11/10/2025